



O CRIME

Meu nome é Raphael Hamilton e vou contar como, sozinho, sem ajuda da polícia ou de detetive, desvendei o assassinato da minha filha Molie.

Era uma noite de quinta-feira, eu a botei na cama e, no outro dia de manhã, encontrei-a morta. Chamei a polícia e um detetive.

Passaram-se seis meses e ninguém resolveu o caso, então eu fui investigar. Primeiro fui até seu quarto e procurei uma entrada que não fosse portas ou janelas e, atrás do criado-mudo, achei um tubo de circulação de ar. Era grande e dava para passar uma pessoa ali, só que ela teria que ter a ferramenta certa e força.

Peguei o mapa da casa que o “Faz-tudo”, empregado de muitos anos, tinha me dado. Procurei onde começava o tubo, fui até lá e ele vinha de trás de um arbusto. Achei um pedaço de avental igual ao tipo que todos os funcionários da casa usavam. Depois me lembrei de que o homem ou a mulher teria que ter força e ferramentas ideais, por isso o criminoso poderia ser um dos meus empregados.

Bem na hora, passou Jack, um dos “Faz-tudo”, mas não poderia ser ele, era muito meu amigo. Mesmo assim, fui investigá-lo. Vi que tinha saído, então fui até seu quarto. Achei pouca coisa, mas tinha um cofre trancado e um avental rasgado na perna, um rasgo do mesmo tamanho do pedaço que encontrei.

De repente, ele chegou e, quando me viu, falou:

— Senhor Hamilton, então o senhor já sabe que fui eu que matei sua filha. Espere! Nem precisa pedir que eu lhe conto tudo!

Ele me falou que, à uma hora da manhã, entrou pelo tubo de ar e empurrou um móvel do quarto dela, pois sabia que ninguém ouviria o barulho, já que as paredes são à prova de som. Depois deu duas facadas em seu coração e saiu. Acabou de contar e disse:

— Quer saber o motivo? Eu a matei porque ela me humilhava e humilhava minha filha também!

Depois de tudo isso, minha esposa, que passava por ali e ouviu tudo, chamou a polícia. Ele foi condenado à prisão e eu continuei a minha vida.

Júlia Gonçalves Teixeira
8º do Fundamental / Balneário
2012